

O GÊNIO EM KANT: SOBRE O INATO, TALENTO E NATURAL

THE GENIUS IN KANT: ABOUT INNATE, TALENT AND NATURAL

Lucas Maldonado¹

¹ Licenciado em Filosofia.
Mestrando do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia -
Unesp/Marília

MALDONADO, Lucas. O gênio em kant: sobre o inato, talento e natural. *MIMESIS*, Bauru, v. 41, n. 2, p. 101-109, 2020.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar o significado de gênio (*ingenium*) em Kant e seu caráter inato, tendo como base a obra *Crítica do Juízo* (1980), e outros textos do próprio filósofo alemão. Também leituras secundárias foram empregadas nesta pesquisa como forma de compreender o sentido múltiplo de ‘gênio’, e como objetivo específico explicar o significado usado para ‘talento’ e ‘natural’ e suas distinções e sentidos. Tendo em vista o problema: Quais são as características do conceito de gênio? Quais relação e diferença entre ‘gênio’, ‘talento’ e ‘natural’? É possível atestar o caráter inato do gênio? A hipótese deste trabalho residiu na susten-

Recebido em: 05/11/2020
Aceito em: 03/12/2020

tação do caráter inato do gênio, em que há o desenvolvimento de uma capacidade de aprendizagem interior. Como método, foi feita uma análise de texto da obra fundamental de Kant, *Crítica do Juízo* (1980), acrescida de comentários explicativos de um kantiano especializado, Ubirajara Marques.

Palavras-chave: gênio. talento. natural. Marques. Kant.

ABSTRACT

The general objective of this study was to analyze the meaning of genius (ingenium) in Kant and its innate character, based on the work Crítica do Juízo (1980) and other texts by the same German philosopher. Secondary readings were also conducted to understand the multiple sense of genius, and, as a specific objective, explain the meaning used for <talent> and <natural> as well as their distinctions and meanings. Given the questions: What are the characteristics of the concept of genius? What is the relationship and difference between 'genius', 'talent', and 'natural'? Is it possible to attest to the innate character of genius? The hypothesis was to support the innate character of genius, in which there is the development of an inner learning capacity. The method consisted of a text analysis of the fundamental work by Kant, Crítica do Juízo (1980), as well as explanatory comments by Ubirajara Marques, a specialized Kantian.

Keywords: genius. talent. natural. Marques. Kant.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho tem se como objetivo analisar o significado de gênio (*ingenium*) em Kant e seu caráter inato, tendo como base a obra *Crítica do Juízo* (1980), para que se possa distinguir o sentido múltiplo de 'gênio', assim como o significado usado para 'talento' e 'natural' e suas distinções e sentidos.

O trabalho possui as seguintes perguntas: Quais são as características do conceito de gênio? Quais relação e diferença entre 'gênio', 'talento' e 'natural'? É possível atestar o caráter inato do gênio?

A hipótese deste trabalho reside na sustentação do caráter inato do gênio, em que há o desenvolvimento de uma capacidade de aprendizagem interior.

MALDONADO, Lucas. O gênio em kant: sobre o inato, talento e natural. *MIMESIS*, Bauru, v. 41, n. 2, p. 101-109, 2020.

MALDONADO, Lucas.
O gênio em kant: sobre
o inato, talento e natural.
MIMESIS, Bauru, v. 41,
n. 2, p. 101-109, 2020.

Tendo o tema do ‘gênio’ em Kant como discussão central neste trabalho, termo este que é empregado de forma a se referir a um indivíduo de capacidade singular. Isto é, uma pessoa cujas características se distinguem de um indivíduo comum. Busca-se, desse modo, entender o que há de específico neste problema.

Ao versar sobre ‘gênio’, deve-se levar em conta a forma de entendimento do ‘inato’ na filosofia de Kant. Ainda, as noções de ‘talento’ e ‘natural’ encontram-se ligadas não apenas para um melhor entendimento, mas também para uma específica distinção.

Portanto, a questão está imbricada no fundamento¹ que liga o inatismo de certos conceitos, o talento de um indivíduo, o ‘natural’ que se refere ao sujeito e por fim ao gênio.

A partir do texto *Crítica do Juízo* (1980) e perpassando outras obras do filósofo e de especialistas, este trabalho realizou tal análise do gênio no âmbito mesmo da filosofia especulativa de Kant.

A justificativa do trabalho se dá em apontar se na filosofia especulativa de Kant é possível dizer que os conceitos de talento e natural estão relacionados ao inatismo na obra de Kant, em que uma das perguntas fundamentais relacionadas é segundo Marques se os conceitos se originam dos objetos da experiência ou os objetos da experiência que originam os conceitos?

Como resultado para esta pesquisa, espera-se que a distinção entre natural, talento e natural como parte da discussão que envolve o entendimento do significado do gênio na obra kantiana explique a hipótese inicial de que o caráter inato do gênio se sustenta a partir do desenvolvimento de uma capacidade de aprendizagem interior.

O INATO, TALENTO E NATURAL: A DISCUSSÃO DO CONCEITO DE GÊNIO EM KANT

Como tema presente dentro do imaginário da cultura alemã, especialmente nos séculos XVIII e XIX, o gênio (*ingenium*) também aparece na filosofia de Kant. Neste trabalho, o ‘gênio’ abordado é o conceito do parágrafo 46 da *Crítica do Juízo* (1980), de Kant, em que, dentro da hipótese deste trabalho, nota-se o seu caráter inato. A discussão se dará, a partir do parágrafo supracitado, conforme se vê:

1 A respeito do fundamento, Marques trata em *Sobre o “inato” em Kant* (2008).

Gênio é o talento (dom natural) que dá regra à arte. Já que o próprio talento como faculdade produtiva inata do artista pertence à natureza, poder-se-ia então também expressar-se assim: gênio é a inata disposição de ânimo (*ingenium*) pela qual a natureza dá regra a arte (KANT, 1980, p. 246).

É possível perceber que nesta passagem Kant associa o gênio à disposição natural e à faculdade produtiva. Para Marques², há uma imbricação entre “*gênio*” e “*talento*” cujo resultado é uma identificação indireta entre natural e inato” (MARQUES, 2008). São, assim, expressões correlatas, tendo a última um sentido mais complexo que remete à também faculdade de imaginação (MARQUES, 2013). Contudo, uma dificuldade que se faz presente neste excerto é o sentido de natureza, pois revela um caráter de inatismo a respeito do talento – sendo que, para Marques, o domínio da origem do inato é oposto ao da natureza. Retomando o texto de Kant:

[...] pode-se explicar o gênio também por meio da faculdade das ideias estéticas, pelo que é ao mesmo tempo indicado por que nos produtos do gênio a natureza (do sujeito), não um fim refletido, dá a regra à arte (à produção do belo)” (KANT, 1980, p. 246).

Da mesma forma que há uma identificação do gênio ao talento do sujeito, ao mesmo tempo o filósofo associa o sentido ligado a natureza e, com isso, coloca a origem do talento ligada tanto ao sujeito quanto a uma característica inculcada³.

De acordo com Marques, há em certas passagens da filosofia kantiana uma tentativa de desdivinização do inato e, ainda, a sua humanização, isto é, ressaltar o inato como parte da natureza humana (MARQUES, 2008). Em outra passagem, também, da mesma obra a respeito do inato e seu sentido:

Esse mesmo fragmento – que emprega “inato” e “por natureza” em duas orações interligadas, com ambos podendo valer como sinônimos –, ao rechaçar a aquisição temporal, psicológica, evocando a “originária”, permite concluir que esta última é atemporal. Se no mesmo período não houvesse a ênfase na autoria humana dessa aquisição, seríamos tentados a fazê-la convergir para uma forma maldisfarçada de inatismo radical. Não sendo o caso, a aquisição em pauta, sem indicar patrocínio transcenden-

2 O Professor Ubirajara Rancan de Azevedo Marques é docente do Programa de Pós Graduação em Filosofia da Unesp, Marília/SP.

3 A esse respeito, Marques (2008).

MALDONADO, Lucas. O gênio em kant: sobre o inato, talento e natural. *MIMESIS*, Bauru, v. 41, n. 2, p. 101-109, 2020.

MALDONADO, Lucas.
O gênio em Kant: sobre
o inato, talento e natural.
MIMESIS, Bauru, v. 41,
n. 2, p. 101-109, 2020.

te, aludirá ao fato de tempo (e espaço) – também objetos de uma “aquisição originária” – não terem sido ainda adquiridos. Será de resto visível, em ambos esses trechos, o cuidado de Kant com o sentido de “inato”, depurando-o de qualquer vínculo suspeito. No primeiro caso, limitando-o à mera anterioridade do homem, por alusão a experiência; no segundo, tendo-o como produto da autoria humana (MARQUES, 2008, p. 140).

Estabelece-se assim um problema: é possível então colocar o gênio como inato? Primeiro, deve-se entender a difícil questão sobre o significado de inato dentro da filosofia de Kant. Para Marques, o significado de inato possui dois pólos empregados:

Têm-se então, aqui, ao menos dois sentidos para a expressão “inato”. No caso da negação do inatismo de espaço, tempo e categorias, “inato” será o mesmo que “inculcado”. Já no da afirmação do inatismo do “fundamento”, ele será simplesmente o que é, está ou se encontra tão natural quanto indeterminadamente em mim (MARQUES, 2008, p. 144).

Vê-se, desse modo, na filosofia teórica kantiana, a avaliação em dois significados do inato: um em tom crítico, negativo, e o outro positivo (MARQUES, 2008). Para Marques, mais do que presente na filosofia de Kant, o ‘inato’ é um termo presente no vocabulário do período:

Empregue de maneira ambígua pelo filósofo, a expressão, ora repudiada – e então designando um tipo de conhecimento não engendrado pelo homem, mas nele introduzido – ora aceita – e então qualificando representações e conceitos, que, também não engendrados pelo homem, são, porém, naturais a ele – o “inato”, além do mais, é termo corrente no vocabulário filosófico do período moderno [...] (MARQUES, 2008, p. 132).

O inato, ou seja, não deve ser tomado literalmente, mas compreendido a partir das passagens tendo em vista o seu contexto. E o próprio Kant afirma isso, na *Resposta a Eberhard* (1973):

O inatismo (*Angeborensein*) de certos conceitos, como expressão para uma faculdade fundamental (*fure in grundvermogen*) em referência aos princípios a priori do nosso conhecimento – da qual ele (Leibniz) se serve meramente contra Locke, que não reconhecia outra origem, senão a empírica –, é incorretamente compreendido quando tomado literalmente (*unrecht verstanden, wenn man es nach dem buchstaben nimmt*) (KANT, 1973, p. 249).

Nessa discussão a respeito do inato, o *fundamento* se faz presente. O objetivo de Kant no âmbito da filosofia especulativa é debater tendo a seguinte problemática: os conceitos se originam dos objetos da experiência ou os objetos da experiência que originam os conceitos? (MARQUES, 2008):

Há somente dois caminhos sobre os quais pode ser pensada uma concordância necessária da experiência com os conceitos dos seus objetos: ou a experiência torna possíveis esses conceitos ou esses conceitos tornam possível a experiência. O primeiro não encontra lugar com relação às categorias (não também com relação a intuição sensível pura, pois eles são conceitos a priori (...) conseqüentemente, resta só o segundo [...] a saber, que as categorias contêm, por parte do entendimento, os fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral. (...) Se alguém quisesse propor entre os dois únicos caminhos nomeados ainda um caminho intermediário (*Mittelweg*), a saber, que elas [as categorias] nem fossem primeiros princípios autopensados a priori do nosso conhecimento nem também criadas a partir da experiência (*aus der erfahrung geschöpft*), mas disposições subjetivas para pensar, imediatamente, implantadas em nós com a nossa existência (MARQUES, 2008, p. 147).

Contudo, não só trazer o problema sobre a questão originária, mais do que isso, é necessário apontar que a questão está ligada ao fundamento e como se relaciona com o seu desenvolvimento. A esse respeito, aprofunda Marques:

Os fundamentos de um determinado desenvolvimento, jacentes na natureza de um corpo orgânico (planta ou animal), quando esse desenvolvimento concerne a partes determinadas, [tais fundamentos] chamam-se germes (*keime*); quando, porém, [esse desenvolvimento] concerne somente à grandeza ou à relação das partes umas com as outras, então eu nomeio [tais fundamentos] disposições naturais (*natürliche anlagen*) (MARQUES, 2008, p. 124).

Nessa linha de Marques, Kant estabelece o fundamento do campo do inato a respeito da aquisição originária⁴:

Afirmado haver um “fundamento” (*grund*), que, “ao menos ele” (*wenigstens*), é “inato” (*angeboren*), do qual, por “aquisição originária”, adquirem-se espaço, tempo e categorias, Kant deli-

4 (MARQUES, 2008).

MALDONADO, Lucas. O gênio em kant: sobre o inato, talento e natural. *MIMESIS*, Bauru, v. 41, n. 2, p. 101-109, 2020.

MALDONADO, Lucas.
O gênio em kant: sobre
o inato, talento e natural.
MIMESIS, Bauru, v. 41,
n. 2, p. 101-109, 2020.

mita o campo da inatidade, tornando-o a rigor, o do adquirível/determinável. A determinabilidade intrínseca desse fundamento inato é, com isso, a própria fonte da aquisição originária ou do que, por ela, vier a ser adquirido (MARQUES, 2008, p. 149).

Kant lança mão, por isso, de um vocabulário específico para dar embasamento não apenas dentro da sua teoria do conhecimento, na discussão a respeito do inato, mas para corroborar suas principais ideias no âmbito da filosofia especulativa. Desse modo, alguns dos vocábulos mais correntes são germe, germes, disposição, disposições, implantado, originário, etc.⁵

Este trabalho não ambiciona discutir o âmbito filológico da filosofia kantiana e nem os seus termos. Contudo, é preciso colocar que a tradução de inato como natural pode trazer complicações para a relação de inato e gênio, tendo em vista que o termo utilizado por Kant é *anerschaffen*. Mesmo com uma identificação de natural em um sentido positivo de inato, a escolha de natural para ser traduzida não seria razoável (MARQUES, 2008). A identificação se revela problemática pois a tradução de inato também pode ser como não natural. É preciso, então, ressaltar que a natureza, na passagem do parágrafo 46, da Terceira Crítica, trata-se da natureza do próprio sujeito. Longe de ser uma questão unidimensional e com uma resposta imediata, percebe-se na *Resposta a Eberhard* (1973) a luta de Kant contra o inatismo de certas representações inculcadas ou implantadas divinamente e, enfim, na Crítica que não aceita representações de cunho inatas ou inculcadas (MARQUES, 2008).

O FUNDAMENTO DO GÊNIO

Tendo em vista a pergunta colocada anteriormente, como ode-se afirmar o caráter inato do gênio em Kant.⁶ ? Na *Crítica do Juízo* (1980), o gênio aparece associado ao talento. No percurso de Marques, algumas das obras analisadas são as *Reflexões de Antropologia* (2007) e *Lições de Metafísica*, (1821) para embasar e compreender a respeito do gênio. No texto da *Enciclopédia Filosófica*, gênio e

5 Esse vocabulário é encontrado em outras obras, como *Ideia de uma História Universal de um ponto de vista Cosmopolita*, em *Sobre as Diferentes Raças Humanas* e, ainda, no capítulo da arquitetura da *Crítica da Razão Pura*.

6 De acordo com Marques, o caráter inato do gênio deve ser entendido conforme sua especificidade e seu emprego polissêmico por Kant (MARQUES, 2013).

talento são distintos; todavia, é nas *Reflexões de Antropologia* (2007) que se percebe uma explicação mais precisa a respeito: gênio é a originalidade do talento, ou aquilo que não é imitado, ou ainda digno de ser imitado, exemplar (KANT, 2007). Ainda, nas *Lições de Antropologia* (2007), o talento possui duas partes, uma natural, e a outra é uma faculdade que não pode ser aprendida senão somente pelas próprias fontes internas (KANT, 2007). Outra vez no mesmo texto, em outra passagem, a originalidade é o próprio gênio, enquanto o talento é oposto ao gênio, este que é associado à originalidade do talento. (KANT, 2007). E por fim, Kant ressalta que o gênio é um talento que não se ensina ou aprende (KANT, 2007). Portanto, o que diferencia talento e gênio é o propósito: o gênio não possui fim, enquanto o talento possui. (KANT, 2007).

Nas *Lições de Metafísica* (1821) é explicada a diferença entre gênio e natural: o natural é uma disposição para aprender, enquanto o gênio é uma disposição para descobrir conhecimentos que não podem ser ensinados (KANT, 1821). De acordo com Marques, mesmo diferentes, ambos possuem um caráter inato.

Assim, Marques vê o caráter inato do gênio como uma questão específica cujo sentido é múltiplo devido ao contexto (MARQUES, 2013). Reside especificamente na forma de aprendizagem a distinção entre o gênio e talento:

[...] la diferencia entre ambos a este respecto no estribará em la capacidad de aprendizaje del “talento” frente a la ausencia de tal capacidad en el “gênio” [que prescindiría de ella], sino en lo aprendido como algo exógeno de uno [lo próprio del “talento”] frente a lo aprendido como algo endógeno del otro [lo próprio del “gênio”]. Em esse sentido, el “talento” se referirá a la receptividad y a la docilidad; el “gênio”, a su vez, a la originalidade. [...] Uno se ve, así, conducido a decir: el “talento” comulga con lo pasivo, mientras que el “gênio” es característicamente activo, autoactivo, espontáneo. Es verdade que “gênio es la originalidade (característica ejemplar) del talento. En sentido negativo, original [...] es lo que no es imitado; en sentido positivo, lo que es digno de imitación, esto es, ejemplar.” (MARQUES, 2013, p. 8-9).

Conclui-se, por isso, que a capacidade de aprendizagem é o que os distingue; enquanto o talento é atuante como algo exógeno, o gênio é endógeno. Acrescenta-se a originalidade torna o gênio um exemplo a ser seguido. Ou seja, o fundamento do gênio é uma ideia, mas também a necessidade de disciplina como forma de regulação.

Por mais que se perceba o caráter inato do gênio, isso não quer dizer que é uma figura prontamente acabada. Marques embasa esse argumento na seguinte passagem:

MALDONADO, Lucas. O gênio em Kant: sobre o inato, talento e natural. *MIMESIS*, Bauru, v. 41, n. 2, p. 101-109, 2020.

MALDONADO, Lucas.
O gênio em kant: sobre
o inato, talento e natural.
MIMESIS, Bauru, v. 41,
n. 2, p. 101-109, 2020.

Siendo una “disposición-del-animo inata (*ingenium*)”, el “gênio” no puede como tal encontrarse ya, aí, listo y acabado, innato de manera delirante [*schwarmerlich*]. El “gênio” se completa, adquiriendo a lo largo de ese acabamento – adquiriendo originariamente, será preciso añadir – su [auto] instrucción y las reglas de su autodisciplina (MARQUES, 2013, p. 9).

No seu percurso, Marques vê que o gênio, segundo Kant, contém diferentes germes originários na *Antropologia em sentido pragmático* (MARQUES, 2013). Assim, ao atentar para o parágrafo 46, da Terceira Crítica:

Traduzcamos *ingenium* como *fuere*, será indispensable tener presente que lo innato en sentido assertórico del 46 de la tercera Crítica no solo contraviene el rechazo del filósofo de lo “innato” místico y de lo “implantado”, sino que no merma absolutamente en nada la autonomia del sujeto, como si éste tuviera que ser preterido em favor de la trascendencia (MARQUES, 2013, p. 11).

Observa-se a partir da citação que apesar do caráter inato do gênio, Kant não exclui a autonomia do sujeito, pelo contrário. Reforça-se como já falado, a capacidade de aprendizagem como forma de autonomia do sujeito que contém os germes originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base os escritos kantianos e a interpretação de Marques, o caráter inato, com os seus dois pólos de sentido, um negativo e outro positivo, em que um é refutado e outro afirmado livremente, ou seja, o caráter inato encontra-se na figura do gênio.

E como hipótese deste trabalho a respeito do gênio para Kant, conforme o parágrafo 46 da *Crítica do Juízo* (1980), coloca-se como características a originalidade, o servir de exemplo, a capacidade de aprendizagem interior, sendo assim uma figura não imediatamente pronta, mas em formação que possui segundo a antropologia dos germens do gênio. E por fim, a autodisciplina, pois somente desse modo poderá desenvolver as suas capacidades. Assim, o gênio não é uma figura já pronta, mas que, provida de um talento, tem como possibilidade o desenvolvimento dos seus “germes” ou “disposições” desde que desenvolva a sua capacidade de aprender. Além disso, deve ser levado em conta a questão do fundamento dos conceitos e um dos problemas fundamentais da filosofia de Kant sobre a origem dos conceitos que se originam dos objetos da experiência ou os objetos da experiência que originam os conceitos.

REFERÊNCIAS

- KANT, Immanuel. **Immanuel Kant's Vorlesungen über die Metaphysik. Herausgegeben** von K. H. L. Politz. Erfurt: Keyzerschen Buchhandlung, 1821.
- KANT, Immanuel. **Die philosophischen Hauptvorlesungen Immanuel Kants. Nach den neu aufgefundenen Kollegheften des Grafen Heinrich zu Dohna – Wundlacken.** Herausgegeben von Professor Dr. Arnold Kowalewski. Rosl & Cie., Munchen und Leipzig, 1924.
- KANT, Immanuel. **Textos Seleccionados.** Tradução de Tania Maria Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção Os Pensadores, v. II.
- KANT, Immanuel. **Reflexionen.** In: KANT, Immanuel. Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preubischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Walter de Gruyter (1905ff.), 2007.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. **Sobre o “inato” em Kant.** *Analytica*, Rio de Janeiro, vol 12, nº 2, 2008, p. 101-161.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. . **Consideraciones Filológicas a Propósito del “Genio” en Kant.** Tradução de Nuria Sánchez Madrid. *Philosophica*, Lisboa, 2013, p. 147-161.
- MALDONADO, Lucas. O gênio em kant: sobre o inato, talento e natural. *MIMESIS*, Bauru, v. 41, n. 2, p. 101-109, 2020.